



FATO OU FICÇÃO?

O Livro dos Lobisomens, 1865).

“O que havemos de dizer sobre os lobisomens? Há lobisomens que percorrem as aldeias devorando homens e crianças. Como os homens dizem a seu respeito, eles correm a pleno galope, ferindo os homens, e são chamados *ber-wölff*, ou *wer-wölff*. Perguntais a mim se sei algo sobre eles? Respondo que sim. São aparentemente lobos que devoram homens e crianças.” (von KEYSERSPERG, Johann Geiler. *Die Emeis. Dis ist das Büch von der Omeissen, und durch Herr der Küninig ich diente gern. Und sagt von der Eigenschafft der Omeissen, und gibt underweisung von den Unholden oder Hexen, und von Gespenst, der Geis, und von dem Wütenden Heer Wunderbarlich*, sermão proferido em Strassburg, 1508).



INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Caracterizados pelas sangrentas batalhas de trincheiras e o início da aviação como arma de guerra, os confrontos desse triste episódio contabilizaram milhões de mortos e feridos até seu encerramento, em novembro de 1918, com a assinatura do Tratado de Versalhes.

Por esse acordo, atribuiu-se toda a culpa da guerra à República de Weimar (designação histórica da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial), impondo-lhe pesadas sanções¹, o que contribuiu para seu colapso econômico, após a quebra do mercado de ações de 1929.

Privado de poder militar, arruinado no campo econômico e humilhado politicamente, o povo alemão se sentiu injustiçado e receoso de uma ameaça internacional visando à eliminação de sua nação.

Aproveitando-se dessa crise, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (mais conhecido como Partido Nazista) ascendeu ao poder com a nomeação de Adolf Hitler como chanceler, em 30 de janeiro de 1933.

Com a morte do presidente alemão, Paul von Hindenburg, em agosto de 1934, Hitler assumiu também as funções da presidência,

1 Indenizações vultosas, entrega de territórios, redução do efetivo do exército, desmilitarização da Renânia (região entre a Alemanha e a França), proibição de possuir tanques, planos militares, gás venenoso, ou submarino, e declaração de diversas autoridades alemãs como criminosos de guerra, incluindo o kaiser Guilherme II.

instaurando um regime ditatorial. Utilizando um discurso nacionalista e xenófobo, o *Führer* disseminava a ideia de que o povo alemão descendia de uma raça superior (ariana) e estava destinado a governar o mundo. O antissemitismo, antes relativamente velado, passou a ser uma ostensiva e cruel política de estado.

Ainda, ignorando acordos internacionais, Hitler começou uma campanha de rearmamento e recrutamento para dar suporte à sua política expansionista. Em março de 1936, a região da Renânia foi remilitarizada, sem grande repercussão dos governos francês e britânico. Em março de 1938, a Alemanha nazista anexou a República da Áustria como sua província. Novamente, a ação militar alemã provocou pouca reação às demais potências europeias. Após reivindicação do *Führer*, a região de Sudetos (uma área do que era a Tchecoslováquia) foi cedida ao Terceiro Reich. Um ano depois, em março de 1939, a Alemanha ocupou o restante do território da Tchecoslováquia.

Após a assinatura de um pacto de não agressão com a União Soviética (Pacto Molotov-Ribbentrop), a Alemanha invadiu a Polônia, dando início ao conflito que conhecemos como Segunda Guerra Mundial.

Utilizando a tática militar chamada *Blitzkrieg*, o exército alemão conseguiu dominar quase todo o território da Europa continental.

Após a queda da França em maio de 1940, Hitler esperava que a Grã-Bretanha assinasse um acordo de paz. Todavia, do outro lado do canal da Mancha, Winston Churchill, recém-empossado Primeiro Ministro, ofereceria um diferente tipo de desafio. Em seu primeiro discurso no Parlamento Britânico, Churchill declarou: “Você me pergunta: qual é a nossa política? Eu digo que é fazer a guerra no mar, na terra e no ar. Guerra com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus possa nos dar, e fazer a guerra contra uma monstruosa tirania, nunca vista no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos. Essa a nossa política. Você me pergunta: qual é o nosso objetivo? Posso responder com uma só palavra. É vitória. Vitória a todo custo — Vitória a despeito de todos os terrores —, Vitória, por mais longo e difícil que possa ser o caminho, porque sem a vitória não há sobrevivência”. Deu-se um basta à complacência com os ataques nazistas.

Sem vislumbrar uma aceitação de acordo de paz ou rendição, a Alemanha planejou uma invasão ao território inglês pelo mar (Operação Leão Marinho), mas, para viabilizar o sucesso da estratégia nazista, era

necessária a prévia eliminação da Marinha Real Britânica e da Força Aérea Real.

É oportuno destacar que, paralelo às ofensivas militares, Hitler também realizava pesquisas esotéricas e mantinha centros tecnológicos com o fito de encontrar uma arma que pudesse definir o resultado desse grande conflito global.

Agora, vamos à nossa história.



01

UMA VITÓRIA INESPERADA

15/AGO/1940
(QUINTA-FEIRA)

2º DIA DO
CICLO DA
LUA CHEIA



O CÉU AZUL TORNOU-SE NEGRO COM A REVOADA DAS ÁGUIAS METÁLICAS com as asas adornadas pela *Balkenkreuz*, a temida cruz de barra nazista. A sombra da poderosa *Luftwaffe* bloqueava a luz do Sol. Todas as equipagens do 41º Esquadrão foram acionadas para confrontar a imensa frota inimiga.

Olhando pela bolha transparente de seu *cockpit*, Eric contou os caças britânicos entrando em formação ao seu lado. Eles estavam em poucos. Muito, muito poucos... Se aqueles pilotos da *Royal Air Force* fossem derubados do céu, as praias do Canal da Mancha estariam vulneráveis a uma invasão germânica. E, se a RAF fosse sobrepujada, a Grã-Bretanha seria colocada de joelhos.

Polônia, Dinamarca, Noruega, França, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, os países da Europa Ocidental estavam, um a um, caindo sob o tacão alemão. Nada parecia conseguir parar o avanço do Terceiro *Reich*. As tropas britânicas enviadas para lutar no continente foram forçadas a uma evacuação apressada (milagrosa, diziam alguns) em Dunquerque.

Nesse dia, o objetivo de Hitler era obliterar o Comando de Caças da RAF no sul da Inglaterra.



O comandante do aeródromo de Catterick fitava o horizonte, perdido em seus pensamentos, até ser bruscamente interrompido.

— Senhor — chamou o controlador de voo, apressando os passos para alcançar o superior. — O Centro de Radares informou que uma frota inimiga está avançando pelo Mar do Norte.

O coronel, um oficial de gestos contidos, pegou o relatório das mãos do rapaz e correu os olhos pelas linhas, sua boca se movia em silêncio conforme avançava na leitura do documento. Segundo o relatório, o

Alto Comando da *Luftwaffe* enviou uma onda de Junkers JU 88, bombardeiros que podiam carregar até 800 quilos de bombas, escoltados por caças pesados Messerschmitt Bf 110.

— Malditos boches! — praguejou entre dentes, amassando a folha de papel como se ela fosse a inimiga. — Hunf! Esses aviões devem ser uma retaliação contra a derrota que nossos homens impuseram sobre o Canal da Mancha anteontem — sussurrou a última frase apenas para si, alisando o farto bigode encerado.

Dois dias antes, a *Luftwaffe* lançara a ofensiva nomeada de *Adlertag*². Em razão do clima ruim, com pouca visibilidade, o comando alemão ordenou, na última hora, o adiamento daquela operação militar. Contudo, problemas de comunicação com seus aviões impediram que todos abor-tassem a missão. Somado a outros erros estratégicos, a incursão resultou num ataque frágil que foi fortemente rechaçado pelos caças ingleses.

— Coloquem todas as equipagens em alerta reforçado. *Briefing* em cinco minutos — gritou a ordem para o subtenente da estação. Em seguida, esfregou os dedos massageando a testa ampla e engoliu em seco antes de complementar. — E avisem aos rapazes que acabou o tédio das missões de patrulhamento. Teremos uma dura missão pela frente. Uma batalha de verdade.

A maioria dos pilotos designados para aquele aeródromo não havia sido testada nas acirradas refregas aéreas. Suas idades oscilavam entre 19 e 23 anos, e conservavam na mente a ilusão de que a guerra propiciaria a oportunidade de incríveis experiências heroicas e o retorno seguro ao lar com histórias insólitas de bravura e ousadia. Não tendo participado das batalhas sangrentas que ocorriam no front, aqueles jovens ainda se permitiam sonhar com a empolgação que o cavalheiresco duelo aéreo inspirava.

Eric Lock, um tímido oficial interino de pilotagem, recebeu com entusiasmo indescritível a missão do dia. Em seu âmagô, ardia a vontade de participar de verdade dos esforços de guerra. Finalmente seu desejo seria atendido. Ele se apressou a vestir o *traje* de voo e correu até seu caça *Supermarine Spitfire* parado em frente ao hangar.

Richard Blacksmith, o mecânico-chefe, estava debruçado sobre o motor da aeronave de Eric, chacoalhando um torquímetro na cara de seu assistente. Enquanto isso, os demais ajudantes terminavam de abastecer

2 (Dia da Águia): 13 de agosto de 1940, o primeiro dia da operação militar da *Luftwaffe* com o objetivo de eliminar a RAF e possibilitar a invasão da Grã-Bretanha (Operação Leão Marinho).

os depósitos das asas com as fitas de munição e riam da reprimenda severa passada no colega, aliviados por não serem eles o alvo da descompostura.

— Será que tem alguma coisa que se salve nesse espaço entre as tuas orelhas? Hein, hein? Tá pensando que isso aqui é a estrebaria da tua vila, filho? Olha bem pra essa máquina — disse o mecânico com um tom de voz mais ameno. — Esses Rolls-Royce Merlin não são uma ferradura pra cê martelar no casco de um cavalo! Esse conjunto de pistões e cilindros é uma obra de arte, pelo amor dos deuses! — Encostou o rosto no motor carenado e o acariciou com a delicadeza de um amante experiente, um luthier³ extasiado admirando um preciso e precioso violino Stradivarius.

— Bom dia, Dick! — Eric se aproximou do avião e girou levemente a hélice.

— Ei, Lockie! Como vão as coisas, companheiro? Tá animado com o passeio de hoje? — perguntou o mecânico, limpando as mãos sujas de graxa num pano já bastante encardido preso em sua cintura.

— Estou confiante de que faremos um bom trabalho lá em cima — Eric declarou, correndo os olhos pelo firmamento, de uma ponta a outra do horizonte. Um Sol radiante espiava por entre as nuvens brancas que passeavam preguiçosamente pelo céu da manhã. — Na verdade, é por isso que estou aqui. Vim buscar minha pequena e já estou um pouco atrasado. Houve algum problema? — abaixou-se para fazer carinho na cabeça de Wimpy, um bull terrier com a ponta de uma orelha faltando. A mascote do esquadrão recebeu a carícia abanando o rabo e logo seguiu para fazer festa nos demais pilotos que se aproximavam dali.

— Problema? Ah, não! Não tem nada de errado com tua máquina! O motor já tá aquecido e eu tava justamente dando os últimos ajustes no carburador e explicando pra esse aprendiz de ferreiro como tratar essas peças com o maior carinho! Esse cuspidor de fogo⁴ vai deixar o resto da esquadrilha pra trás, Tampinha! — proclamou com orgulho, fechando a capota do avião e pulando para o chão.

Eric deu um sorriso amarelo. Ele ganhou o famigerado apelido *Sawn Off Lockie*⁵ em razão de sua baixa estatura, o que sempre era motivo de

3 Profissional especializado na construção e reparo de instrumentos de cordas providos com caixa de ressonância.

4 Um trocadilho com o nome inglês Spit (cuspir) Fire (fogo). Ao ligar o motor do avião, labaredas eram expelidas pelos escapamentos.

5 A tradução literal do apelido seria algo como Lockinho Serrado.

chistes entre os colegas do destacamento. Ele, porém, não conseguia se zangar com o mecânico devido à forma afetuosa como pronunciava a execrada alcunha.

— Sabe, Dick, o ideal é que eu não saia da formação. É sempre melhor atacar em grupo — explicou enquanto deslizava a mão sobre o roundel⁶ em amarelo, azul, branco e centro vermelho pintado na fuselagem.

— Hahahahaha! Isso lá é verdade! — Gargalhou alegremente e desferiu um soco amistoso no braço esquerdo do piloto, que reprimiu um gemido de dor. O mecânico tinha braços que se pareciam com toras de madeira, tanto pelo diâmetro como pela densidade, e, com certeza, desconhecia a própria força. Para piorar, uma antiga fratura no úmero, resultado de uma queda de cavalo na infância, enfraquecia aquele braço e tornava sensível a área acidentada. — Em todo caso, hoje é um bom dia pra lutar no céu. Dia de Thor... Ah, Lockie, venha cá. Quero te fazer dois pedidos, sim? — Richard enlaçou o piloto pelos ombros e começou a andar em volta do avião. Eric tentou se desvencilhar do braço forte que o enrodilhava, mas seria mais fácil escapar de uma armadilha de urso usando apenas uma das mãos. Inclinando a cabeça na direção do amigo, Richard segredou-lhe ao ouvido. — Em primeiro lugar, faça o favor de trazer essa gracinha de volta sem muitos buracos de bala, tá bem? Cê não faz ideia do trabalho que tenho supervisionando esses remendadores de carroça...

— Ceeerto. Hãã... E o segundo pedido? — indagou o piloto, procurando disfarçar o constrangimento que sentia.

— Rá! Acho que esse vai ser mais fácil! Cê sabe que eu quero treinar minhas habilidades de pintura, mas ainda não consegui estrear meu pincel. — Richard deu uma amistosa batidinha na fuselagem do *Spitfire*. — Eu tava pensando que poderia começar a decorar teu caça com algumas suásticas. Então, derrube um chucrute desgraçado pra mim, ok?

Eric meneou a cabeça e sorriu para o amigo. Quando Richard o liberou, afrouxando o aperto, ele ajustou o capacete e se espremeu para dentro da carlinga, um estreito espaço projetado para o melhor desempenho da aeronave, mas que claramente não havia sido pensado para o conforto do piloto.

Enquanto Eric fazia o *cockpit drill*, verificando o funcionamento de cada um dos itens de segurança, Richard ia andando em torno do avião com uma

6 Figura heráldica circular utilizada para identificar a nacionalidade dos aviões desde a I Guerra Mundial.

chave de fenda na mão, apertando firmemente todos os painéis móveis.

Encerrada a checagem, era hora de ligar o motor. Eric fechou a válvula de combustível e ligou a bomba para dar pressão no carburador. Liberou a válvula e acionou a bomba hidráulica por diversas vezes. Pressionou dois dedos no botão de partida e o motor ligou na primeira tentativa. Richard tinha uma habilidade singular com os motores e regulara o *Spitfire* com a precisão de um relógio suíço.

Com o Rolls-Royce Merlin funcionando, Eric sentiu a aeronave vibrar embaixo do assento, como se quisesse se desfazer em mil pedaços. A trepidação e o barulho eram assustadores, mas faziam parte da rotina em solo. A hélice, que girava com rapidez, espargia a fumaça acre regurgitada pelos doze canos de escapamento.

Com os calços retirados, o piloto olhou para a biruta instalada ao lado do centro de controle para verificar a direção do vento e taxiou o avião até a cabeceira da pista. Ao receber a autorização de decolagem, Eric levou o manche levemente à frente para erguer a cauda, deixando o nariz do *Spitfire* perigosamente próximo ao solo. Sob os estreitos trens de pouso, o tremor do avião aumentou de intensidade enquanto acelerava pelo piso betonado. O piloto sabia que seu pássaro ficaria mais dócil quando ganhasse o ar.

Um puxão no manche e o caça se despediu do chão. Eric recolheu o trem de pouso e bloqueou sua alavanca. Em seguida, reduziu o combustível e regulou o passo da hélice. Na sequência, conectou o tanque reserva e fechou a válvula dos reservatórios principais. Todos os procedimentos foram executados mecanicamente, os músculos pareciam reagir por reflexo aos meses de intenso treinamento.

Ao ganhar um pouco de altura, o piloto manobrou seu *Spitfire* para assumir a posição na formação que girava num trajeto oval ao redor do aeródromo. Quando todas as equipagens designadas estavam no ar e em formação, subiram até atingir a altitude de aproximadamente 20.000 pés⁷ e tomaram o rumo norte.

Antes de completar a primeira hora de voo, Eric avistou rastros de fumaça no céu azul, indicando a presença do esquadrão inimigo.

— Atenção, Grifo Líder. Grifo Vermelho 2 chamando. Aviões inimigos convergindo às 14h00. Cópia? — informou, usando o Clock-Code⁸.

7 A altitude, aqui, é de quase seis quilômetros e cem metros.

8 (Código do Relógio): sistema em que a posição dos aviões inimigos é informada tendo por

— Grifo Líder na escuta — respondeu Hilary Hood. — Mensagem recebida e entendida, Vermelho 2! Encontramos os boches que estávamos procurando, rapazes. Formação em linha de popa e me sigam, rumo zero, nove, cinco! Silêncio de rádio até segunda ordem — comandou o líder do esquadrão.

Como ainda não haviam sido avistados pela frota nazista, os britânicos aproveitaram a cobertura de algumas nuvens para contornar a posição inimiga em fila indiana. Conforme se aproximava pela retaguarda, Eric pôde calcular que a inferioridade numérica da RAF deveria ser de 4 para 1.

Diversos caças Messerschmitt balizavam sua velocidade e altitude para acompanhar o limite de operação dos pesados bombardeiros Junkers. Aquela era uma vantagem que não poderia ser desprezada.

— Hora de pôr em prática o resto do nosso lema⁹. Atenção, todas as esquadrilhas, soltem seus bebês e assumam posição de combate.

Eric mudou para o tanque principal e acionou a alavanca de ejeção, liberando o reservatório suplementar. Os demais pilotos britânicos executaram a mesma operação. As cargas que estavam presas sob as aeronaves caíram rodopiando pelo céu. Um dos caças não conseguiu liberar o tanque secundário, sinalizou o problema batendo as asas e inverteu o rumo numa curva aberta e graciosa. Aquele *Spitfire* teria que voltar ao aeródromo, pois, com o peso extra do combustível, seu desempenho para um combate aéreo estava comprometido, tornando-o uma presa fácil para a artilharia inimiga.

— Por São Jorge! Um a menos e nem começamos a batalha — Eric resmungou ao ver um dos colegas batendo em retirada. Em seguida, o piloto respirou fundo e, com o polegar, removeu a trava de segurança do gatilho das armas e acionou o colimador. Ainda havia outra trava a ser liberada, mas essa ficava no cérebro do combatente. A partir daquele momento, o homem gentil precisava dar lugar ao assassino de sangue frio.

Dentro dos aviões da *Luftwaffe*, havia soldados mandados para a guerra em defesa de sua pátria. Jovens corajosos e idealistas como o próprio Eric, pessoas reais de carne e osso com família, sonhos e amores. Embora tivesse como desiderato apenas a derrubada da outra aeronave,

referência a posição dos números que o ponteiro indica num relógio.

9 O brasão do 41º Esquadrão é uma cruz vermelha de dois braços com o lema Seek and Destroy (Procurar e Destruir).

Lock sabia que seus tiros também podiam vitimar as equipagens alemãs. Nem todos os combatentes conseguiam abandonar a batalha pulando de paraquedas. Alguns seriam alvejados em pleno voo e outros iriam arder na fogueira da carlinga em chamas. Tal perspectiva, entretanto, não deveria impedir que ele apertasse o gatilho, pois qualquer hesitação poderia ser fatal.

Quando todos os aviões ficaram alinhados numa formação aberta, o Grifo Líder deu um sinal, ordenando o início do ataque. Eric movimentou o manete de potência em alguns milímetros para impulsionar o motor e acompanhar seu líder de seção, que acertou uma rajada curta na fuselagem de um bombardeiro alemão, mas não logrou derrubá-lo.

A primeira investida britânica provocou a dispersão da frota inimiga. O perigoso vespeiro alemão ficou bastante agitado.

Mesmo com reduzida capacidade de manobra, os JU 88's tentavam curvas fechadas para escapar à mira dos caças britânicos. Os Bf 110's, por sua vez, subiram em *chandelle*¹⁰ e assumiram posição ofensiva para contra-atacar os *Spitfires*.

Numa segunda investida, Eric conseguiu se posicionar atrás de um caça alemão, mas o bimotor inimigo executava manobras evasivas para tentar despistá-lo. O *Spitfire* seguia como uma sombra o esquivo Bf 110. Com os olhos fixos na sua presa, o piloto britânico se mantinha em constante movimento de zigue-zague para escapar das balas traçantes¹¹ que o artilheiro nazista disparava com a metralhadora traseira.

Por duas vezes, Lock acionou o gatilho, porém o alvo se recusava a ficar na mira. Ele sentiu o suor descer pelo rosto, apesar do frio impedindo dentro da carlinga. Quando o avião inimigo finalmente entrou em sua linha de tiro, Eric disparou duas rajadas curtas que atingiram o motor do lado direito. Um rastro de fumaça pôde ser visto enquanto o caça alemão baixava o nariz para executar uma descida abrupta.

Lock virou seu *Spitfire* sobre a asa direita e seguiu o inimigo que já estava com um dos motores em chamas. Com 10.000 pés de altitude, uma nova rajada incendiou o motor a bombordo e o artilheiro da cauda

[illegible]

10 Manobra consistente numa curva de 180°, executada em voo ascendente.

11 Ao ser disparado, este tipo de munição produz um rastro luminoso (proveniente de uma bolinha incandescente colocada em sua base) para auxiliar na pontaria. Para melhor resultado em combate, as tiras de munição eram abastecidas com sequências de balas traçadoras, perfurantes, explosivas e incendiárias, variando de acordo com a missão a ser cumprida.

parou de atirar. O caça alemão continuou caindo e Eric abandonou a perseguição a 5.000 pés. Ele não podia perder tempo para confirmar sua queda, pois a batalha entre as nuvens continuava acirrada.

Eric virou o nariz do seu *Spitfire* em direção à profusão de encarniçadas *dogfights* que cruzavam o espaço aéreo. Enquanto procurava por um novo oponente, um caça alemão conseguiu se aproximar pela sua retaguarda e abriu fogo. Um tiro ricocheteou no capô. O piloto britânico executou um *vrille*¹² para tentar escapar dos tiros. Céu e terra trocaram de posição no horizonte com velocidade vertiginosa, mas ele ainda sentiu o impacto dos projéteis na fuselagem.

Eric rezou para que nenhuma bala atingisse o motor, suprimindo um gemido de pânico que lhe subia pela garganta. Mesmo o mais valente piloto sente medo nessas horas, sendo esperado que sua fibra, fortalecida pelo treinamento, permita com que continue a pilotar sua aeronave. Não se exigia dos pilotos o destemor completo. A total ausência de medo é inequívoco sinal de loucura e prenúncio inexorável de desastre.

Repentinamente, os disparos cessaram. Outro caça britânico viera em seu auxílio e transformara seu perseguidor numa bola de fogo caindo dos céus. Suspirando de alívio, Lock voltou ao combate.

Por duas vezes, aeronaves da *Luftwaffe* entraram em sua linha de tiro e Eric apertou o gatilho sem qualquer resultado, um erro de principiante muito comum. Sem assumir uma posição adequada, as balas não acompanhavam a trajetória dos alvos. Arriscar os disparos daquela forma era como jogar contra as probabilidades irrisórias de uma loteria e ele não podia desperdiçar munição. Lock chacoalhou a cabeça para clarear as ideias e conseguiu conter o dedo nervoso.

As batalhas aéreas duravam poucos minutos, mas pareciam uma eternidade para os pilotos. De uma hora para outra, o céu voltou a ficar vazio, sem sinal de outro avião, amigo ou inimigo.

Aproveitando o momento de tranquilidade, Eric encarou o painel de instrumentos e calculou quanto ainda restava de combustível. Franziu o cenho ao constatar ter quase o estritamente necessário para voltar ao aeródromo e pousar em segurança.

Todavia, ao virar o *Spitfire* na direção de Catterick, Eric vislumbrou um reflexo que brilhou a sudoeste de sua posição e desapareceu dentro

12 Manobra em que o piloto coloca a aeronave em parafuso descendente com o nariz para baixo.

de uma extensa barreira de nuvens. O piloto britânico mudou a rota naquela direção para averiguar se algum avião inimigo de reconhecimento sobrevoava aquela região. Poucos minutos depois, uma aeronave saiu das nuvens e ele identificou um bombardeiro alemão que escapara ao cerco levantado pelo seu esquadrão.

Eric, então, reportou a situação ao centro de controle, mas recebeu a resposta de que não havia outro caça disponível para interceptar o esquivo JU 88.

Ele precisava retornar para a base, porém, se aquele avião escapasse com sua carga destrutiva, uma pesada culpa recairia sobre sua consciência. Quantos estragos aquelas bombas poderiam causar? Se não tivesse tão pouco combustível seria possível executar uma última investida. Lançar-se na perseguição daquele bombardeiro era muito arriscado, mas ele não podia simplesmente ignorar aquela ameaça.

Eric fechou os olhos por um instante para se recordar do sorriso gracioso da esposa. Queria desesperadamente voltar para os braços de sua Peggy, mas não poderia fazê-lo ao custo de sabe-se lá quantos inocentes. Se o preço a ser pago pela segurança da Inglaterra era sua própria vida, que assim fosse, até porque ele nada mais tinha a oferecer. Lock esperava apenas que a cobrança daquela fatura aguardasse o término da temerária surtida.

Rilhando os dentes, ele acelerou em direção ao novo objetivo. Cada segundo contava. A aeronave inimiga já começava a se aproximar, mas Lock não arriscou nenhum disparo à distância. Já gastara boa parte de sua munição, então esperaria pelo momento certo, pois não haveria uma segunda chance.

Quando o alvo cresceu no colimador, Eric manteve o dedo pressionando o gatilho, mas ouviu somente uma curta sequência de estampidos. Logo as culatras das metralhadoras emitiram estalos secos alertando que estavam rearmando vazias. Realmente não lhe sobraram muitas balas. Instintivamente, ele puxou o manche para se desviar da aeronave inimiga.

Enquanto o bombardeiro continuava em sua rota prenunciando morte e destruição, Eric iniciou uma manobra para lançar seu avião contra o inimigo, um último sacrifício para evitar um mal maior. Nessa hora, ele viu uma explosão na lateral do Ju 88.

Em poucos segundos, a aeronave nazista perdera uma das asas e desabava do céu. Missão cumprida. Eric consultou a bússola e virou o

Spitfire na direção do aeródromo. Ele ainda tinha que tentar regressar ao campo de pouso.

O piloto britânico voou poupando ao máximo o combustível, mas as milhas pareciam se recusar a passar. Contrariando suas expectativas funestas, a gasolina acabou sendo suficiente para concluir a aterrissagem.

Mal tocou em solo, Eric foi repreendido pelo mecânico-chefe que se aproximava com passos duros e os dedos entrelaçados nos cabelos loiros.

— Pelas barbas do caolho, que qui é isso, Tampinha?!? Eu te entrego essa belezinha intacta e é desse jeito que cê me devolve? Uma porra de uma escumadeira! — Richard ia colocando o dedo nos diversos furos que o *Spitfire* tinha na fuselagem. Em seguida, passou a girar o piloto procurando por buracos em seu corpo. Por sorte ou milagre, nenhum projétil atingiu o amigo. — Bah, deixa pra lá! — Richard segurou Eric pelos ombros e o puxou para enlaçá-lo em seus braços.

Um corvo (*Corvus corax*) pousou sobre uma cerca e ficou empoleirado ali. A ave tinha lustrosas penas de ébano eriçadas na cabeça e girava o pescoço como se tentasse acompanhar a conversa.

— Hã... acho que já deu, meu chapa — Eric conseguiu balbuciar, a despeito do pouco ar que restava em seus pulmões. — Está mais difícil respirar aqui do que a vinte mil pés... — Apesar da amizade, ele ficava desconfortável com as efusivas demonstrações de camaradagem do mecânico. — Bem... Você percebe que estamos chamando muita atenção, não é? — As demais pessoas ao redor lançavam olhares de soslaio para a dupla.

— Tô me lixando pra opinião dos outros, companheiro. O importante é que cê voltou são e salvo.

Ainda demorou alguns segundos para que Eric conseguisse se livrar daquele abraço ursino. Quando sentiu o vigoroso tornio aliviar a pressão sobre suas costelas, ele inspirou profundamente e virou o torso de um lado para o outro. Alguns ossos estalaram, como se tivessem reencontrado sua devida posição anatômica. *Alguém precisa avisar esse cara que ele tem uma força fora do normal*, pensou com seus botões.

— Então, um passarinho me contou que vou poder pintar duas suásticas na tua máquina... — Richard observou com uma expressão marota.

Eric esboçou um sorriso. Nessa hora, um crocitar estridente lhe chamou a atenção. O piloto notou o corvo que mantinha seus olhos negros fixos sobre ele. Por um momento, cogitou que a ave estivesse esperando por sua resposta. *Acho que acabou faltando um pouco de oxigênio lá em cima*,

chacoalhou a cabeça para espantar a ideia absurda.

— Na verdade — Eric voltou a encarar o amigo —, acho que vai ser apenas uma. Bem, “apenas” é só um modo de falar, pois mesmo uma única vitória confirmada é algo para se comemorar.

— Vitória confirmada? Não entendi lhufas! Me falaram que cê derubou dois chucrutes hoje!

— Ora, você sabe como é a nossa burocracia... Para creditar nossas vitórias, as comissões de homologação só consideram destruído o aparelho que explodiu no ar ou cujos destroços tenham sido encontrados. Bem, o crédito também pode ser dado quando o piloto de um avião com um só lugar pula de paraquedas. — Eric chutou uma pedrinha que saiu quicando pelo chão. — No primeiro confronto, não vi a queda do aparelho que alvejei, então ele será computado como “provavelmente destruído” ou apenas “danificado”, dependendo das imagens que foram filmadas¹³.

O bonito pássaro negro pareceu satisfeito com a resposta e agitou as asas, alçando voo e emitindo um grasnido agudo.

— Hunf! — Richard observou a ave se afastar, franzindo o cenho. — Bem, como cê disse, ainda assim é uma bela conquista! Nem todos os pilotos vão preencher relatórios reivindicando, ao menos, uma vitória, seja ela certa ou provável. Cê tá de parabéns, Lockie!

O Comando de Caças da RAF expediu um relatório com o resultado da operação. A *Luftwaffe* enviara um grande número de bombardeiros e aviões de combate, mas fracassaram em cumprir com qualquer que fosse sua missão. Muitos deles sequer retornaram à Alemanha. Apesar da inferioridade numérica, a Grã-Bretanha contabilizou poucas baixas. Uma vitória como aquela era um excelente presságio, pois os nazistas não poderiam suportar aquele ritmo de perdas de aeronaves e equipagens.



Com o dia encerrado, Richard conseguiu convencer o amigo a desempenhar uma derradeira tarefa: comemorar a vitória inglesa num pub na vila de Scorton.

~~~~~

<sup>13</sup> Os aviões levavam filmadoras instaladas nas asas, que eram acionadas pelos gatilhos das armas.

O estabelecimento era pequeno e de pé direito baixo, mas bastante aconchegante. O ar, ligeiramente abafado, rescendia a fumo. Ainda que a contragosto, Eric foi arrastado até um dos bancos sem encosto defronte ao balcão de madeira.

— Cê precisa botar uma coisa nessa tua cachola, companheiro — Richard explicava, já sob os efeitos de uma tênue névoa alcoólica —, fazer parte da RAF é uma puta honra. E ser um piloto torna essa distinção algo ainda maior! — Bateu com a caneca vazia sobre o balcão e sinalizou pedindo uma nova rodada. — Não, não, eu não tô reclamando por ter que consertar os teus estragos. Entenda bem, eu realmente gosto do meu trabalho. — Puxou Eric pela gola para que seus rostos ficassem bem próximos. — O ponto em questão é que, além de voar, cê pilota um caça. A porra de um caça, pelo amor dos deuses! Será que cê realmente entende o que é isso, companheiro? É o cúmulo daquilo que chamam de... de... Como é mesmo o nome? — Estalou os dedos diversas vezes até encontrar a palavra certa. — Ah, sim, glamour! Isso mesmo! É o cúmulo do glamour! Traduzindo, isso significa que cê pode escolher qualquer garota pra comemorar com a gente.

No fundo do pub, uma bela mulher de cabelos ruivos levantou seus olhos verdes da mesa onde estava e começou a prestar atenção à conversa da dupla.

— Dick, você já está bêbado e não sabe mais o que está falando! Eu mal saí da minha lua de mel e não consigo parar de pensar na Peggy! Sequer cogito trair sua confiança. Olha, eu só quero cumprir com meu dever até essa guerra acabar e poder voltar para minha mulher.

— Trair? Mas quem falou em traição, Lockie? Eu só quero que cê convide uma dessas garotas pra se sentar com a gente. Desse jeito, ficará mais fácil preu lançar meu charme. — Virou o rosto de lado e deu uma lenta piscadela. — Olha, quando cê tiver voando, vai cuidar da retaguarda de outro piloto. Porém, quando teus pés tão no chão, cê é meu *winger*. Além do mais, nem todo mundo tem uma ex-Miss Shrewsbury esperando em casa. Eu mesmo tenho apenas um cachorro vira-lata que já deve ter me abandonado.

Eric corou com o comentário, mas não conseguiu conter o riso. Não obstante a tensão daquele dia, o bom humor de Richard era contagiante.

Naquela hora, a ruiva sentada à mesinha se levantou e foi se aproximando de Lock. Apesar de bonita, sua beleza frugal não se destacava

das muitas outras jovens beldades que desfilavam por ali. Nenhum dos frequentadores do pub se alvoroçou com sua figura. Somente Richard manteve seus olhos pregados à moça, como se fosse o único que notas-se nela algo especialmente encantador muito além da superficialidade das aparências.

— Rogo-te sinceras escusas, mas não pude me abster de ouvir certos fragmentos de teu colóquio — desculpou-se a ruiva, num sotaque indefinido e melodioso. — Tu és um dos bravos cavaleiros capazes de domar as aguerridas feras de aço que cruzam nossos céus?

— Acho que não entendi patavina do que cê disse, moça! — Richard franziu o cenho e se atravessou na conversa. Ao fitar os olhos glaucos da ruiva, o mecânico vislumbrou um oceano infinito e sentiu que poderia se deixar levar de bom grado para dentro daquele universo. — Mas se for isso que cê tá querendo saber, meu amigo aqui é um dos melhores pilotos do aeródromo. Talvez, o mais talentoso de toda a Inglaterra!

— Não exagere tanto, meu chapa. Sou apenas um dos muitos pilotos que têm a honra de travar combate a bordo dos aviões da RAF — Eric confirmou com modéstia.

Antes que a conversa continuasse, o assistente de Richard chegou esbaforido ao pub. Ele se acercou da dupla e disparou a novidade. Um dos companheiros de esquadrão viu o primeiro caça nazista alvejado por Lock cair no Porto de Seaham. Assim, a comissão de homologação registrou duas vitórias confirmadas para Eric Stanley Lock, oficial interino de pilotagem do 41º Esquadrão da RAF, número de serviço 81642.

A notícia se espalhou como um rastilho de pólvora entre os companheiros ali presentes, que explodiram em alegria. Parecia que o pub seria demolido com a força dos gritos e aplausos.

— Homessa! — exclamou a ruiva quando o alarido da comemoração começou a diminuir. — Creio que isto põe termo à questão do mérito de teus feitos! É uma honra travar conhecimento com um dos valerosos guerreiros do reino. Gostaria de aproveitar o ensejo para indagar se terias interesse de auxiliar nos esforços de guerra em outra frente — ela indagou, franzindo levemente as sardas que lhe salpicavam o nariz. A voz rouca vibrava numa melodia doce e envolvente.

— Outra frente? Como assim? — redarguiu o piloto.

— O conflito em andamento é muito mais abrangente e perigoso do que és capaz de imaginar. Um grande mal busca criar raízes no solo

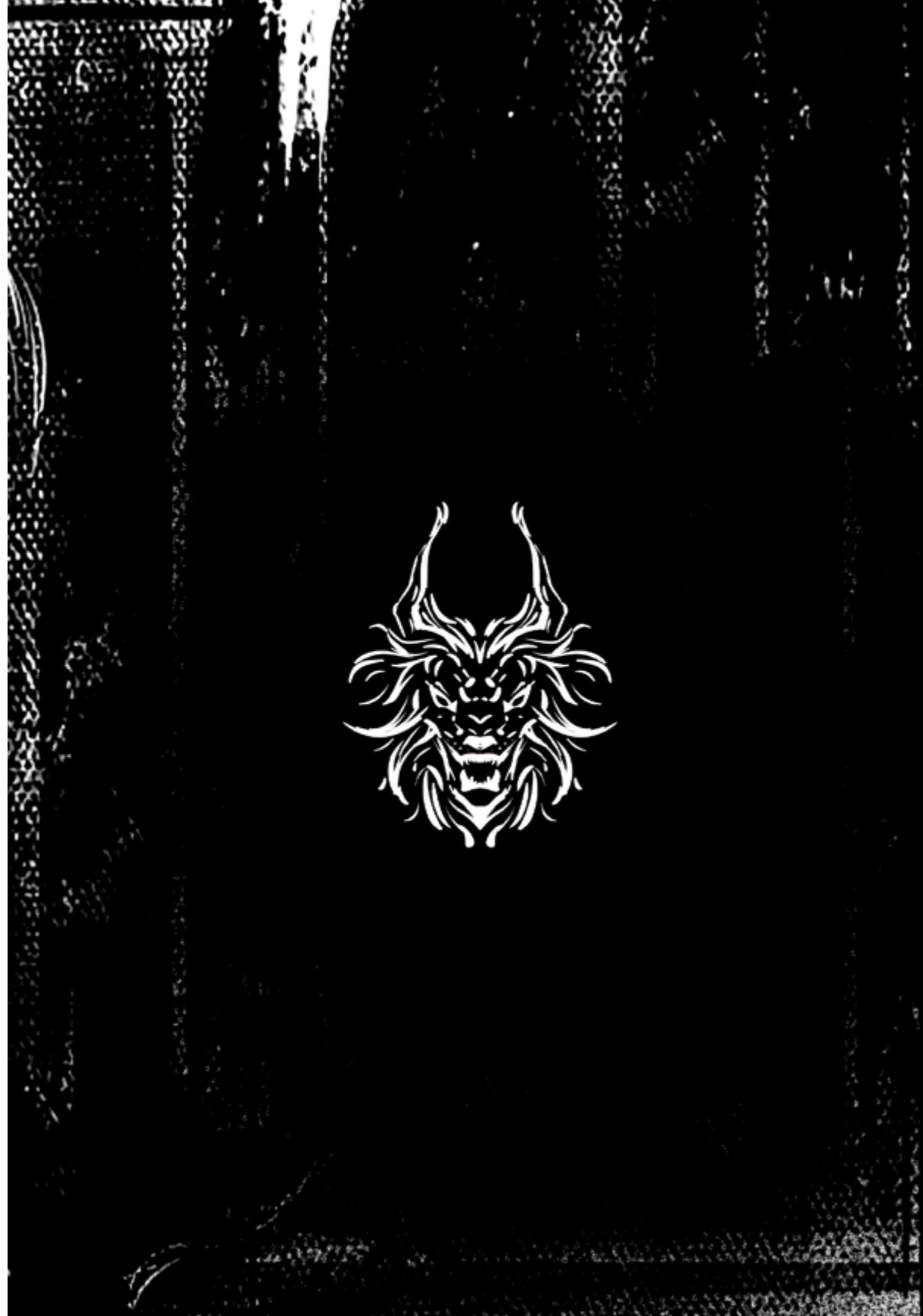
alemão, e sua sombra ameaça recair sobre nossa ilha, assim como também sobre o resto do mundo.

— Olha, desculpa, moça, mas meu lugar é na RAF, dentro do *cockpit* do meu *Spitfire*! Essa é a forma que vou combater nessa guerra. Nem me passa pela cabeça fazer algo diferente!

— Devo me confessar descorçoada com tua resposta. De toda sorte, não posso deixar de te congratular por defender nossa Albion — disse ela, dando um beijo na face de Eric. Em seguida, tocou o ombro dos dois amigos com delicadeza e, sem demora, dirigiu-se para fora do pub.

— Glamour, Lockie! É como eu te disse, companheiro, esse teu uniforme bonito é o cúmulo do glamour... — Richard suspirava, embasbacado.

Mais que o ósculo, o agradecimento sincero calou fundo na alma do piloto. Ele sentiu a relevância do seu papel naquele conflito. Eric podia ter subido em seu *Spitfire* como o Tampinha, mas desembarcara como um gigante.





2

## MORTE NA MASMORRA

20/AGO/1940  
(TERÇA-FEIRA)

7º DIA DO  
CICLO DA  
LUA CHEIA



**A**S PAREDES DE PEDRAS ÁSPERAS E IRREGULARES MINAVAM UM LÍQUIDO de odor enjoativo e estavam recobertas por um limo viscoso. Em algumas junções dos blocos graníticos, cresciam colônias de fungos com coloração marrom esmaecida. Dois integrantes da *Schutzstaffel* caminhavam em silêncio pelo meio do longo corredor deserto. Os passos cadenciados acompanhavam o ritmo lento de seus batimentos cardíacos. As botas de cano alto martelavam contra o piso de placas basálticas, ecoando uma melodia tão lúgubre quanto monótona.

A cada dez metros, uma grade metálica indicava a existência de celas rudimentares. Durante a ronda, um dos guardas virava a cabeça e forçava a vista para olhar por entre as grossas barras, divisando apenas cubículos desocupados e desguarnecidos de qualquer objeto, meros buracos escavados na rocha bruta.

As galerias daquela masmorra subterrânea ficavam mergulhadas numa penumbra vacilante. Lâmpadas de baixa potência pendiam dos fios fixados precariamente ao teto. O amarelado brilho intermitente oscilava na cadência dos zumbidos emitidos pelos geradores movidos a diesel, grandes motores responsáveis pelo fornecimento de toda a energia elétrica daquela instalação. Nos locais afastados daqueles lumes precários, não se conseguia enxergar sequer um vislumbre dos uniformes negros ou das submetralhadoras MP 40 que as sentinelas levavam penduradas nos ombros. Na semiescuridão, apenas uma pequena insígnia prateada se destacava na lapela da casaca: o emblema de uma caveira sobre ossos cruzados, a Totenkopf.

Chegando ao final do corredor, os vigias giraram sobre os calcanhares e iniciaram o caminho de volta. Aquele que usava um Stahlhelm tossiu levemente, mas seu companheiro não fez caso da tentativa de iniciar uma comunicação. O soldado ajustou seu capacete de aço na cabeça e voltou a pigarrear, dessa vez com mais força, e obteve o mesmo resultado.

— Você percebeu que todas as celas estão vazias? — indagou com interesse, desistindo de chamar a atenção do colega de forma discreta.

— Claro que percebi. — A outra sentinela virou discretamente o rosto de granito e, por sob a aba do quepe, cravou os olhos de um azul intenso no seu interlocutor. — Por acaso, pensa que sou cego ou idiota? — devolveu a pergunta, transbordando de hostilidade.

— Ei, calminha aí... É meu primeiro dia aqui e eu só estou tentando puxar assunto. Sabe como é, não é mesmo? Um pouco de boa conversa ajuda a distrair, matar o tempo...

— Não fomos encarregados de patrulhar este calabouço para desfrutar de alguma forma de entretenimento. Aliás, como um oficial superior, devo adverti-lo de que toda sua atenção deveria estar voltada para a tarefa de vigia das enxovias deste bloco. Hum... De qualquer modo, creio que nada em sua pessoa seja capaz de despertar meu interesse.

— Certo, certo. Não precisa dessa simpatia toda — queixou-se, alisando o uniforme. — Como eu disse, queria apenas conversar um pouco. É que eu acabei de chegar e me colocaram nesse buraco. Todo o processo de transferência foi cercado de muito sigilo. Fui embarcado num cargueiro, juntamente com um monte de tralhas, mas não me informaram nem o nome desta ilha ou do propósito deste prédio. — O homem de quepe não lhe deu atenção e continuou a caminhar, calado e circunspecto. — Bom, de qualquer forma, permita que me apresente. Meu nome é Lothar. Como posso chamá-lo?

— Você pode me chamar de senhor ou de *Oberscharführer* — a carranca de olhos azuis mastigou as palavras em tom monocórdio, interrompendo a marcha. — Isto, soldado — ele apontou o dedo para a insígnia em seu próprio ombro —, é tudo que você precisa saber a meu respeito. — Em seguida, empertigou-se fleumático e retomou a caminhada.

— Sim, senhor. Desculpe, senhor — Lothar engoliu em seco e seguiu o superior em silêncio. No entanto, depois de mais meia hora de ronda, ele não resistiu à tentação de reencetar a conversa. — Senhor? Peço permissão para falar. — O primeiro-sargento bufou com enfado e meneou um leve assentimento com a cabeça. — O senhor está aqui há muito tempo?

— Fui transferido há duas semanas do campo de Stutthof, próximo de Danzigue.

— Ah, entendo. Ouvi falar que se cumpriu uma importante função por lá. — Lothar escutara rumores de que os oficiais daquele campo solucionaram o problema dos doentes mentais poloneses. E o fuzilamento era uma solução bastante rápida e permanente para aquele tipo de inconveniente. — Devo confessar que fico muito honrado em servir ao seu lado, senhor. Mas eu só queria entender por que fui designado para esta função. Quando recebi a nomeação para esta nova divisão, achei que seria um importante salto na minha carreira. Quem não iria querer integrar uma força especial da 3ª Divisão? Cheguei hoje de Sachsenhausen. O lugar é uma beleza, bem perto de Berlim. Eu tinha mais de cinquenta vermes da escória judia sob meu comando e administrava um setor inteiro de fabricação de munição que os usava como mão de obra. Achei que essa transferência seria uma bela promoção, mas cá estou eu, zanzando de um lado para o outro como uma sentinela de nada e de ninguém.

— Hunf! Toda função é importante, soldado. Não nos cabe questionar as decisões tomadas nos escalões mais altos. Mandaram-me para cá, eu vim. Decidiram que minha tarefa seria montar guarda nesse corredor, aqui estou. Nem todas as ordens precisam fazer sentido para você. Com certeza, o *Führer* sabe o que faz. Da minha parte, limito-me a cumprir, da melhor maneira possível, as ordens recebidas. Apenas isso. E, quanto às celas vazias, não se preocupe com isso. Nosso prisioneiro está, hum, ocupado nesse momento — comentou com descaso enquanto olhava para a lâmpada de brilho hesitante mais próxima.

— Sei, sei.

Depois de um pico de energia, as luzes se apagaram, deixando o corredor na mais completa escuridão. Lothar estacou e empunhou a submetralhadora, aguardando enquanto a visão tentava se adaptar àquelas trevas. Em algum lugar por perto, ratos corriam para alcançar a segurança de seus pequenos esconderijos. A luz retornou após alguns segundos, fraca e intermitente a princípio, estabilizando-se na sequência.

— Hum... Essa é a nossa deixa para nos prepararmos para a calorosa recepção do nosso hóspede — anunciou o primeiro-sargento com um estalo da língua, dirigindo-se para a pesada porta que separava aquela masmorra dos laboratórios localizados alguns andares acima. Lothar o seguiu de perto até alcançarem a barreira de ferro fundido que abafava o som do mundo exterior.

Pela primeira vez, o soldado observou a porta com mais atenção. Daquele lado, ela tinha apenas um puxador, sem tranca ou maçaneta, indicando que só poderia ser aberta pelo outro lado. Lothar pensou que, se alguma intercorrência fortuita afastasse os colegas postados do lado de fora, ele ficaria preso naquele buraco, lambendo o líquido asqueroso que escorria pelas paredes para saciar a sede e caçando os ratos para matar a fome. Ele examinou os batentes e não conseguiu descobrir a menor fresta nas junções. *Será que isso permite a passagem de ar?*, indagou para si mesmo, com o medo já principiando a se instalar em seu espírito. Levantou as mãos para tentar sentir alguma corrente de ar, mas não encontrou nenhuma brisa. A respiração ficou mais pesada e seus dedos afoitos buscaram afrouxar a correia do capacete que parecia lhe apertar o pescoço quase ao ponto do estrangulamento. Sua inquietação nervosa não passou despercebida.

— Recomponha-se, soldado! — esbravejou o primeiro-sargento.

O eco da admoestação foi interrompido pelo ranger lento dos gonzos enferrujados. A porta se escancarou e o *Oberscharführer* prestou continência batendo com os calcanhares e realizando o *Hitlergruß*.

— *Heil* Hitler! — responderam os soldados do lado de fora e, em seguida, jogaram um homem alquebrado para dentro da masmorra, aos pés das sentinelas. Suas roupas em frangalhos exalavam um aroma peculiar que se espargia pela estreita galeria, uma mescla de suor e clorofórmio.

— Isso é tu-tudo p-p-por hoje, rapazes. Escoltem no-no-nosso hóspede até-té suas acomodações. E-E-E nã-não o p-p-percam de vista, pois ele é uma p-peça muito importante nos p-p-planos do *Führer* — disse um homem de jaleco branco, postado atrás dos soldados trajando os emblemáticos uniformes negros da SS. Ele ajeitou o pincenê sobre o nariz para ver as horas no relógio de pulso e franziu o cenho murino. — Va-Va-Vamos, sem demora. Jo-Joguem esse traste nu-nu-numa das celas e se certifiquem de que ela fique b-b-bem trancada. — As dobradiças voltaram a emitir seu gemido agourento. — E m-m-mantenham-se longe das g-g-grades — conseguiu dizer antes que a porta se fechasse com um estrondo.

Lothar ainda estava se recuperando do breve ataque de pânico. Dobrou-se até ficar com as mãos apoiadas nos joelhos e tentou respirar mais fundo.

— O que está esperando, soldado? Você ouviu o homem! Não fique aí

parado como a porcaria de uma estátua — instigou o primeiro-sargento.

— Certo, senhor — anuiu Lothar, com a voz quebrando em falsete. Após reencontrar o próprio timbre, ele se voltou para o prisioneiro e decretou: — Vamos, levante-se! — O cativo, porém, manteve-se inerte. O soldado tirou o capacete para limpar o suor que porejava em sua testa. — Eu mandei se levantar! — gritou com mais segurança. A ordem foi acompanhada de um chute no estômago. Semiconsciente, o agredido limitou-se a vomitar um jato de bile que atingiu as botas do soldado. — Argh! Que nojo!

Encontrando uma válvula de escape para seus medos e frustrações, Lothar passou a desferir enfurecidos golpes com a coronha da sua arma. Quando seu braço descia pela quarta vez, foi retido por uma manzorra que parecia feita de ferro. O primeiro-sargento quase ergueu Lothar pelo braço, e, com as costas da outra mão, desferiu-lhe um violento bofete no rosto.

— Você não ouviu o doutor, energúmeno? Esse prisioneiro é importante para os planos do *Führer*! Tranque-o logo na cela antes que eu resolva que seu lugar é ali também.

Lothar tocou a região latejante da face e bufou com raiva. A humilhação ardia bem mais que a pele avermelhada. Agarrou o cativo pelos calcanhares e o arrastou para o fundo de um dos cubículos. Enquanto limpava as botas nos cabelos despenteados do prisioneiro, olhou por sobre o ombro e percebeu que o *Oberscharführer* voltara a fazer a ronda pelo corredor.

Sem a vigilância do superior, Lothar tornou a agredir o prisioneiro, dando-lhe uma forte pisada no nariz. O ruído pastoso da cartilagem rompida afundando nas fossas nasais embrulhou seu estômago.

— Escória! — ele sibilou ao cuspir no rosto do homem caído. A saliva amarelada misturou-se ao sangue rubro para formar uma aquarela enxovalhada descendo pelo cavanhaque mal aparado do prisioneiro.

O detento começou piscar com o olho esquerdo e a apresentar tremores convulsivos. Lothar decidiu abandoná-lo à própria sorte, saindo da cela sem olhar para trás. Girou a pesada chave na fechadura e conferiu a tranca. Notou que o metal das grades recebera a cobertura de uma película de brilho prateado, mas não deu maior atenção à descoberta.

Concluída a tarefa, o soldado decidiu fumar para acalmar os nervos. Recostou-se nas grades e acendeu um cigarro, tragando profundamente.

Apesar do esforço para se controlar, o canto da boca tremia ligeiramente, fazendo oscilar a brasa do fumo.

— Temos ordens de vigiar o prisioneiro e nos mantermos afastados das grades — o superior observou com calma impassível ao retornar de sua ronda. Com indefectível postura militar, queixo erguido e ombros para trás, o primeiro-sargento olhava por cima para seu subalterno.

— Ah, eu já entendi quais são as ordens! Você não pode me dar uma folga? Além disso, qual é o perigo que você pensa que esse lixo pode representar? A porta da cela está bem trancada. Eu conferi.

— Hunf! Você ofereceu cigarros ao prisioneiro? — questionou o primeiro-sargento, notando que um par de gemas fosforescentes levitava na escuridão da cela.

— É claro que não! — Lothar negou, espantado com a pergunta. — Por que eu iria desperdiçar um bom fumo com esse merda?!?

— Hum, creio que, então, sua indisciplina está prestes a receber a devida punição...

— Punição? Do que você está falando? — A pergunta ainda pairava no ar quando um som grave e contínuo, semelhante ao rosnado de um cachorro, reverberou pelas paredes de pedra. Lothar deu dois passos, afastando-se da cela escura, mas foi surpreendido pelo surgimento de um braço comprido e peludo que saiu pelo vão das barras e lhe cingiu o peito, espremendo-o de encontro às grades. — Ufff! — A pressão fez o ar escapar dos pulmões num único hausto. Lothar tentava recuperar o fôlego ao mesmo tempo que lutava contra o membro disforme que o prendia. — Sar... Sargento... Por favor... Me ajude... — conseguiu balbuciar antes que três costelas trincassem.

Num primeiro impulso, o *Oberscharführer* ergueu sua submetralhadora, porém, antes de efetuar um disparo, recordou-se das ordens recebidas e baixou a arma sob o olhar perplexo de Lothar. O prisioneiro era importante para o *Führer*, o mesmo não se aplicando em relação ao soldado...

O primeiro-sargento se aproximou do subordinado e tentou liberá-lo do amplexo poderoso. Conseguiu apenas fazer com que o braço do monstro roçasse nas barras de metal argentino, queimando nos locais de contato até liberar uma fumaça de cheiro acre. Um uivo plangente escapou da criatura e atingiu os ouvidos e os corações dos carcereiros.

Um segundo braço surgiu de dentro da cela, obrigando o primeiro-sargento a recuar. Afiadas garras negras começaram a passear pelo

corpo de Lothar, quase carinhosamente, desfazendo a trama do tecido negro do uniforme e a integridade da pele de seu ventre. Os segundos pingavam lentamente enquanto o sangue jorrava célere e generoso.

O *Oberscharführer* testemunhava com interesse doentio o martírio do companheiro, seus frios olhos azuis mesmerizados pela violência da cena. Lothar berrava e se debatia, enquanto uma mão grotesca de dedos alongados perscrutava sua cavidade abdominal e, de quando em quando, levava uma porção de vísceras para dentro da cela.

O sabor cúprico do sangue enlouqueceu a criatura. Uma cabeça de aspecto lupino tentou ultrapassar as barras, mas o vão era por demais estreito. Mesmo seu focinho proeminente não conseguia passar por aquele espaço restrito. Os dentes enormes batiam inutilmente sem alcançar a refeição, tão próxima e, ao mesmo tempo, tão fora do alcance.

A fumaça se adensou com o aumento do contato entre a pele do lobisomem e as grades revestidas de prata. A fera começou a urrar de raiva, de dor e de fome, principalmente de fome.

— Pelo amor de Deus, sargento! Atire nesse maldito! — Lothar conseguiu suplicar por entre arquejos.

— Sinto muito, soldado. Não vou descumprir as minhas ordens. Mas posso atender ao seu outro pedido...

Um fio de esperança reacendeu no espírito do soldado subjugado. Naquele momento, o abraço possante afrouxou um pouco.

— Günther. — disse o sargento. Lothar encarou seu superior com uma pergunta nos olhos. — Você queria saber meu nome. Sou o *Oberscharführer* Günther Clausnitzer.

Um forte puxão arremeteu o soldado de encontro às grades, sendo logo repetido por outro, e outro, e outro. O capacete de aço badalava, contra as grades prateadas, uma canção fúnebre de uma nota só, enquanto Lothar ia adquirindo um novo feitio aberrante delineado pelas inúmeras fraturas.

Günther se questionou se o lobisomem utilizaria o corpo inerte como um aríete para abrir uma brecha e tentar escapar da prisão.

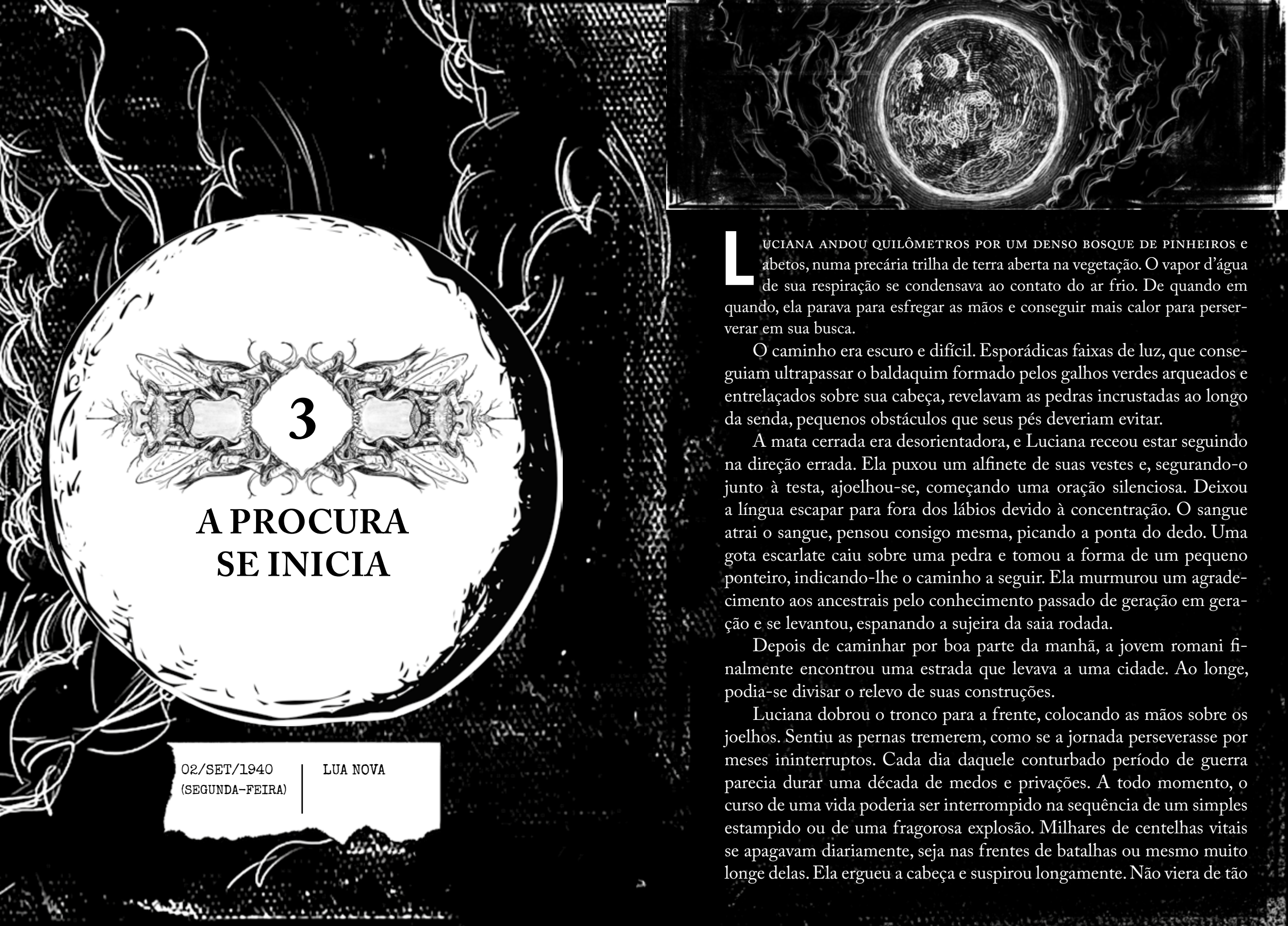
Não era o caso. A fera rapidamente percebeu a inutilidade dos esforços para transpor a barreira argêntea e decidiu trazer a presa para dentro da cela. A força prodigiosa da garra rompia as fibras musculares enquanto a dureza do metal reduzia o esqueleto a cacos assimétricos. O castigo somente foi encerrado quando o soldado da SS se transformou

num mero saco de carne moída e ossos esmigalhados mantido coeso apenas pelo resistente tecido do uniforme.

Ao final, o cadáver macerado foi sendo puxado para o interior do buraco escavado na rocha, iniciando-se ávidos ruídos de deglutição. O lento arrastar só foi interrompido quando o *Stahlhelm* entalou entre as barras. Dois pujantes puxões colocaram à prova a resistência da correia presa ao queixo de Lothar, mas ela resistiu ao teste. Um novo tranco, mais vigoroso que os anteriores, rompeu a primeira vértebra cervical, fazendo o capacete de aço e seu lúgubre conteúdo rolar pelo piso.

— Hum, esse é o perigo de não cumprir as ordens, soldado — Günther declarou com uma pitada de divertimento, parando a cabeça de olhos vítreos com a sola da bota.





3

## A PROCURA SE INICIA

02/SET/1940  
(SEGUNDA-FEIRA)

LUA NOVA

**L**UCIANA ANDOU QUILÔMETROS POR UM DENSO BOSQUE DE PINHEIROS e abetos, numa precária trilha de terra aberta na vegetação. O vapor d'água de sua respiração se condensava ao contato do ar frio. De quando em quando, ela parava para esfregar as mãos e conseguir mais calor para perseverar em sua busca.

O caminho era escuro e difícil. Esporádicas faixas de luz, que conseguiam ultrapassar o baldaquim formado pelos galhos verdes arqueados e entrelaçados sobre sua cabeça, revelavam as pedras incrustadas ao longo da senda, pequenos obstáculos que seus pés deveriam evitar.

A mata cerrada era desorientadora, e Luciana receou estar seguindo na direção errada. Ela puxou um alfinete de suas vestes e, segurando-o junto à testa, ajoelhou-se, começando uma oração silenciosa. Deixou a língua escapar para fora dos lábios devido à concentração. O sangue atrai o sangue, pensou consigo mesma, picando a ponta do dedo. Uma gota escarlate caiu sobre uma pedra e tomou a forma de um pequeno ponteiro, indicando-lhe o caminho a seguir. Ela murmurou um agradecimento aos ancestrais pelo conhecimento passado de geração em geração e se levantou, espanando a sujeira da saia rodada.

Depois de caminhar por boa parte da manhã, a jovem romani finalmente encontrou uma estrada que levava a uma cidade. Ao longe, podia-se divisar o relevo de suas construções.

Luciana dobrou o tronco para a frente, colocando as mãos sobre os joelhos. Sentiu as pernas tremerem, como se a jornada perseverasse por meses ininterruptos. Cada dia daquele conturbado período de guerra parecia durar uma década de medos e privações. A todo momento, o curso de uma vida poderia ser interrompido na sequência de um simples estampido ou de uma fragorosa explosão. Milhares de centelhas vitais se apagavam diariamente, seja nas frentes de batalhas ou mesmo muito longe delas. Ela ergueu a cabeça e suspirou longamente. Não viera de tão

longe para desistir. Retesou os músculos ao longo do maxilar e reiniciou a caminhada.

Perto do meio-dia, Luciana alcançou um trecho em que a estrada fazia uma curva mais fechada. Um barulho de motores em funcionamento começou a aumentar e ela se atirou nos arbustos que margeavam a via. Mal tinha se escondido quando se iniciou um desfile de tanques. Os pesados monstros blindados esmagavam as pedras da estrada com suas lagartas. Pelas escotilhas localizadas no topo dos carros de combate, soldados esquadrihavam os arredores, conversando despreocupadamente e parecendo desfrutar de um passeio no campo. A jovem prendeu sua respiração, temendo que o menor ruído pudesse atrair os canhões da Divisão Panzer. Somente quando a poeira baixou, a jovem se arriscou a deixar o esconderijo e continuar a viagem.

Mais algumas horas de caminhada e ela chegou à borda de Nuremberg, local de inúmeros comícios realizados pelo Partido Nazista para celebrar o futuro da Alemanha e glorificar a ascensão do Terceiro *Reich*, que pretendia dominar o mundo por mil anos.

Mesmo de longe, podiam ser vistas diversas crianças de bochechas coradas que, envergando amarfanhados uniformes da Juventude Hitlerista, corriam de volta para suas casas. Era um desordenado desfile de cabelos louros, pele clara, olhos azuis, dentes brancos e corpos delgados, todos infantes sendo doutrinados com as ideias de superioridade alemã e repúdio à ameaça representada pelo que consideravam raças inferiores.

Antes de adentrar na agitada metrópole, Luciana espalhou pó de arroz na pele exposta e ajeitou o chapéu sobre o rosto. A penumbra do final de tarde ajudaria a ocultar a fisionomia não-ariana. Em Nuremberg, berço das primeiras leis racistas da Alemanha Nazista, todo cuidado era pouco.

Ela perambulou em direção ao centro histórico por ruelas quase vazias, até que, com passos inseguros, cruzou a ponte sobre o Rio Pegnitz. O serpenteante curso d'água corria de leste para oeste, dividindo a antiga cidade da Baviera em metades iguais.

Ao alcançar a margem do lado norte, Luciana baixou a cabeça e fechou os olhos, tentando se concentrar. Buscou em suas lembranças os momentos mais importantes com aqueles a quem buscava e sentiu um suave toque em sua mente, um breve momento de conexão indicando que não se encontrava longe de seu objetivo. Apesar do medo, abriu um sorriso matizado pela esperança.

A cigana continuou a se esgueirar pelas vias marginais, afastando-se das ruas mais largas onde se enfileiravam belas casas com frontões triangulares, suntuosos prédios erigidos no século XVII para servir de morada à abastada burguesia local. Numa esquina mais movimentada, Luciana parou e espreitou os arredores.

Havia uma agitação na Praça do Mercado, onde um grande grupo de pessoas se reunia em frente ao *Männleinlaufen*, o bonito relógio público instalado na face oeste da Igreja de Nossa Senhora. Ela avançou com cautela, ocultando-se atrás do belo chafariz de dezoito metros de altura e ornado com esculturas em pedra.

O motivo do rebuliço era a passagem de uma comitiva composta de duas motocicletas e uma Mercedes negra, que cruzou a rua em alta velocidade. À frente dos veículos, tremulavam bandeiras vermelhas com a suástica negra sobre centro branco, obrigando os transeuntes a erguer a mão direita para o *Hitlergruß*. Em uníssono, o coro saudou “*Heil Hitler!*”. Algumas vozes mais exaltadas traíam o tipo de convicção fanática que permitiria a perpetração de qualquer atrocidade em nome do regime totalitário e de seus abomináveis ideais de purificação da raça.

Mesmo sentindo seu estômago embrulhar, Luciana também repetiu o gesto e as palavras. Não queria chamar atenção indesejada para si mesma, principalmente durante a busca que realizava sob grande risco pessoal. A pele cor de oliva podia estar disfarçada sob a fina camada de maquiagem, mas o contorno dos seus olhos denunciava o sangue romani que corria em suas veias.

No meio daquele aglomerado de gente, um rapaz realizou a saudação com seu punho fechado. Embora mudo, o gesto estrondeou seu protesto, suscitando burburinhos e alguns olhares de esguelha. Surgindo como num passe de mágica, três soldados da famígera Tropa de Proteção cercaram o insurgente.

O rapaz foi arrastado para a mesma viela por onde Luciana acabara de passar. Ela circundou o chafariz para continuar fora da vista dos homens de uniforme, mas, com sua curiosidade superando o temor e a cautela, continuou a testemunhar a cena.

Enquanto dois soldados continham o amotinado rapaz deitado na rua, o terceiro SS puxou a correia da MP 40 por sobre a cabeça e, com a parte traseira da arma, golpeou a mão rebelde. A coroa da submetralhadora continuou a martelar até que uma quantidade significativa de

ossos restasse esmagada. A lealdade incondicional ao NSDAP não era uma opção, principalmente na cidade que o próprio *Führer* considerava como a mais alemã de todas as cidades alemãs. Hitler declarava que Berlim era o cérebro do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães e a cidade de Munique, onde o movimento começou, era o coração. Nuremberg era tida como a alma do Partido Nazista.

Luciana arregalou os olhos, horrorizada com a cena. Mesmo já tendo presenciado diversos atos de selvageria, seu espírito delicado ainda se perturbava com o fanatismo virulento que regia a sociedade alemã. Subitamente, uma mão pesada cobriu sua boca. Sem conseguir gritar ou ao menos respirar, ela foi rebocada para longe do espancamento. Quando foi levada para dentro de outra travessa, conseguiu morder a mão que a sufocava.

— *Dosta!* Não faça isso, *sheiorri!* Sou eu — anunciou uma voz de barítono. O homem recolheu a mão opressora e Luciana respirou com sofreguidão até recuperar o fôlego. Ele levantou o chapéu de abas largas que ocultava seu rosto de traços duros e salientes.

— Juanito!

— Humr! Você sabe que não gosto desse apelido ridículo! Mas o que está fazendo aqui? Ficou louca? Esta cidade não é segura! É um formigueiro de nazistas com muitos SS circulando por aí.

— Mais nenhum lugar parece ser seguro — ela declarou, virando-se de frente para seu irmão e colocando as mãos na cintura. — E quer saber o que estou fazendo aqui? Estou procurando por vocês, *Devla!* Onde foi que se meteram? Sumiram há semanas do acampamento e desde então não recebi nenhuma notícia! Estava morrendo de preocupação! — Luciana virou a cabeça de um lado para o outro. — Onde está o Iago? Ele está com o resto dos rapazes?

Juan passou a língua por dentro da boca, como se estivesse conferindo ainda estar com todos os dentes. Ele era muito mais alto e forte que a irmã, mas, mesmo olhando para baixo a fim de encará-la, parecia um menino se justificando com um adulto.

— Olha, irmãzinha, você precisa ter muita calma — começou a dizer, coçando um princípio de barba que recomaçava a crescer no queixo quadrado.

— Não, senhor. Não mesmo. Eu preciso de muitas coisas agora, mas ter calma não é uma delas! Eu preciso de um prato de comida quente,

pois meu estômago está roncando desde ontem. Eu preciso de um lugar para descansar, porque estou andando há horas por todo tipo de terreno e meus pés estão me matando. Eu preciso de um bom banho porque, senão, vou começar a ter esse mesmo cheiro de cachorro molhado que você está exalando. Porém, acima de tudo, o que eu mais preciso é que você me dê uma resposta direta agora mesmo: onde está *murro piramno?*

— Aqui não é o melhor local para termos essa conversa, irmãzinha. Eu conheço um lugar, não muito longe daqui, onde você poderá tomar um banho, fazer uma refeição decente e descansar. Apesar da loucura que se espalha nesses dias, ainda se pode encontrar pessoas que não se deixaram contaminar. Bem, verdade seja dita, esse rapaz é que me encontrou depois que me separei dos nossos companheiros. É boa gente. Ele e uns amigos estão se reunindo para fazer oposição ao regime.

— Juan, olhe bem para mim — Luciana segurou a face do irmão com ambas as mãos e a baixou até que ficasse na sua altura. — Parece que estou interessada em discutir política nesse momento? Eu te conheço bem, meu irmão, e sei quando você está tentando desviar de um assunto. Então, por favor, pare com essa lenga-lenga e diga de uma vez onde está o Iago!

— Esse é o problema, irmãzinha. Eu... Eu não sei onde ele está agora.

— Como assim, homem de Deus? Vocês todos saíram juntos! Sabe que não devemos nos separar, pois a união é nossa força e também nossa segurança — ela ralhou com rispidez, sacudindo o dedo indicador em frente ao nariz do rapaz. — O que aconteceu?!?

— Nós tivemos um problema, poucos dias depois de deixar o acampamento. Estávamos na estrada, ajudando alguns refugiados. Eram, na maioria, judeus carregando suas posses para longe das casas que foram obrigados a abandonar. Eles não tinham muitos mantimentos, mas nos prometeram uma gorda recompensa pelo auxílio e não pudemos recusar tão boa oferta. Poderíamos nos sustentar por meses com tais recursos. Talvez, até pudéssemos encontrar refúgio em terras menos conturbadas... Porém, durante a viagem fomos emboscados por uma patrulha da SS. Tivemos que colocar tudo que pudesse ter algum valor na caçamba de um caminhão. Disseram que iriam nos liberar assim que acabássemos o carregamento... — Juan baixou a cabeça e tirou o chapéu, passando a mão pelos cabelos para afastá-los da fronte. As mechas revoltas voltaram ao mesmo lugar logo em seguida.

— Vocês foram roubados pelos nazistas?

— É como eu encaro isso, mas os canalhas chamaram tal ato de restituição. Segundo eles, um ressarcimento do dinheiro que a raça semita vem sangrando da nação alemã há muitos anos. Já ouvi diversas formas de justificar um crime, mas essa foi, sem sombra de dúvida, a mais disparatada. Bem, de qualquer forma, não nos foi dada escolha de ajudar ou não nesse roubo. Os judeus esvaziavam suas carroças enquanto eu e os nossos rapazes subimos no veículo para empilhar o butim dos nazistas. Durante esse trabalho, esbarrei, sem querer, numa caixa que já estava lá e todo seu conteúdo acabou caindo naquela caçamba... Eram dentes e próteses de ouro tilintando sobre o soalho pegajoso, Luciana. Dentes de pessoas!

— Que horror! O Iago estava com você?

— Sim, estávamos todos juntos na caçamba e vimos o que tinha na caixa. Um dos soldados ouviu o barulho e foi ver o que aconteceu. Nós ainda estávamos recolhendo as peças de ouro e não deu para disfarçar. O *khulako* foi correndo contar aos seus superiores. Não sei o que estavam planejando fazer conosco, mas, depois daquilo, ficou claro que o comandante da patrulha não deixaria testemunhas daquele episódio. Assim que terminamos o carregamento do caminhão, nos forçaram a entrar num enorme celeiro. Todos nós, homens, mulheres e crianças. Fomos empurrados para dentro daquele espaço confinado, como se fôssemos gado num curral. Ainda tinha gente tentando se espremer no fundo daquele barracão quando os tiros começaram. Com exceção de mim e do Iago, todos foram mortos. Todos.

— *Ioi!* Tantos mortos! — Os olhos de Luciana ficaram marejados ao imaginar o massacre.

— Ah, irmãzinha, e foi tudo culpa minha! Se eu não tivesse derubado aquela caixa... — Juan enterrou o rosto nas mãos e deixou as lágrimas correrem livremente.

— Não diga bobagens! Claro que não foi culpa sua, meu querido. Nós já ouvimos outros relatos como esse, não foi? O mais provável é que, de um jeito ou de outro, esses homens horríveis iriam tentar matá-los. — A jovem colocou a mão sobre a cabeça do irmão e alisou seus cabelos sempre em desalinho. — Meu coração sofre pela perda de tantas vidas, mas, pelo menos, não fiquei sozinha no mundo. Ainda tenho você e o Iago. Como vocês conseguiram sobreviver?

— Quando o tiroteio começou, fui soterrado por uma pilha de cadáveres. Os corpos sangrentos daquelas pessoas salvaram minha vida.

E-Eu... Eu só fiquei ali parado me fingindo de morto... De início, achei que era o único sobrevivente. Mas o Iago também estava vivo, apesar dos buracos de bala em seu corpo. Ele se levantou do meio dos corpos caídos no celeiro, gritou louco de raiva e atacou um dos carrascos. Precisaram de cinco homens para contê-lo, mas, no final, ele foi preso e algemado. Não sei se foi sua coragem ou a teimosia em não morrer, mas algo despertou o interesse dos malditos e ele foi levado dali. Depois disso, as portas do celeiro foram fechadas e um lança-chamas ateou fogo às paredes de madeira. Assim que as labaredas subiram, os soldados seguiram seu caminho. Apesar do calor e da fumaça, eu consegui sair de baixo da pilha de corpos e pular por uma janela. Escapei com alguns ferimentos e queimaduras, mas ainda vivo.

— Depois disso, você teve notícias do Iago? Sabe o que pode ter acontecido com ele?

— Não, mas consegui rastrear aquela patrulha até aqui e soube que um prisioneiro foi levado a um campo de trabalhos desta cidade. Não consegui confirmar, mas acredito que esse prisioneiro é o Iago. — Juan olhou para o horizonte e viu o Sol se esconder por trás das montanhas. — Venha comigo, vou te levar para o lugar onde tenho ficado, não é seguro andar por essas ruas durante a noite.

De braços dados, os irmãos seguiram para o norte. Com o cair da noite, as vias foram ficando desertas. Dentro de suas casas, as pessoas se reuniam em clima festivo, comemorando as sucessivas vitórias do *Führer* sobre os odiados inimigos, judeus, comunistas e, os piores, comunistas judeus. Não temiam um improvável bombardeio britânico. Até aquele momento, poucos alvos militares foram atacados pelo ar. Em diversas regiões ao norte da Alemanha, os aviões da RAF se limitavam a lançar panfletos prevenindo a população contra as transgressões praticadas pelo regime nazista. Alguns não acreditaram (ou preferiram não acreditar) nas acusações. Outros não se importaram com o teor daqueles libelos. Restava aberto o caminho para a execução das barbáries que iriam pesar sobre as futuras gerações daquela nação.

Ao subir uma longa ladeira calçada de pedras de cantaria, Luciana viu uma enorme muralha de tijolos vermelhos levantada sobre um morro de arenito. Um dos lados era atravessado por uma formação rochosa que projetava suas saliências para além dos limites da amurada, como se os caprichos da natureza e o engenho humano houvessem combinado

seus esforços para erigir a imponente barreira que circundava o antigo castelo medieval no topo do monte.

Luciana sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Olhando de soslaio, via sentinelas translúcidas postadas nas janelas mais altas das torres observando sua passagem, mas, sempre que olhava diretamente para aqueles postigos, não via ninguém. Juan, preocupado com patrulhas menos etéreas, não notou as entidades de atalaia. Guiada pela mão do preconceito e do fanatismo, a ceifadora granjeou uma abundante colheita prematura que deixara para trás os espíritos inquietos reunidos naquela construção. As assombrações sentiram uma atração pela aura luminosa de um dos viandantes que se aproximavam e a espreitavam com interesse. Não tendo tempo para perscrutar as intenções dos fantasmas, a jovem apertou um amuleto que carregava pendurado no pescoço e recitou um breve encanto de banimento.

Um corvo com penas arrepiadas no cocuruto observava a caminhada com seus olhos negros. Subitamente a ave sobrevoou a amurada e grasnou com vontade, fazendo as silhuetas desaparecerem como fumaça. Reconfortada, Luciana agradeceu em silêncio e se aconchegou mais ao braço do irmão.

